TRABALHO *Taxa aumenta de 6,5% em abril para 6,9% em maio, segundo o IBGE*

Desemprego cresce com juros altos

Editoria de Arte/Folha Imagem

PEDRO SOARES
DA SUCURSAL DO RIO

Três elevações seguidas dos juros desde fevereiro —sem contar a de quarta-feira, para 18,25%— já contaminam a taxa de desemprego, sobretudo no comércio, informou ontem o IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

"Esse setor [o comércio] é mais sensível ao aumento dos juros, por depender do crediário", afirmou Shyrlene Ramos de Souza, economista do Departamento de Emprego e Rendimento do IBGE.

O aumento da taxa no comércio —de 6,9% em abril para 7,2% em maio— foi o principal fator que levou a taxa de desemprego a subir para 6,9% em maio, contra 6,5% em abril.

Apesar disso, a taxa de desemprego ainda é a menor para este mês do ano desde 1997, quando foi de 6%. Em maio do ano passado, a taxa foi de 7,8%.

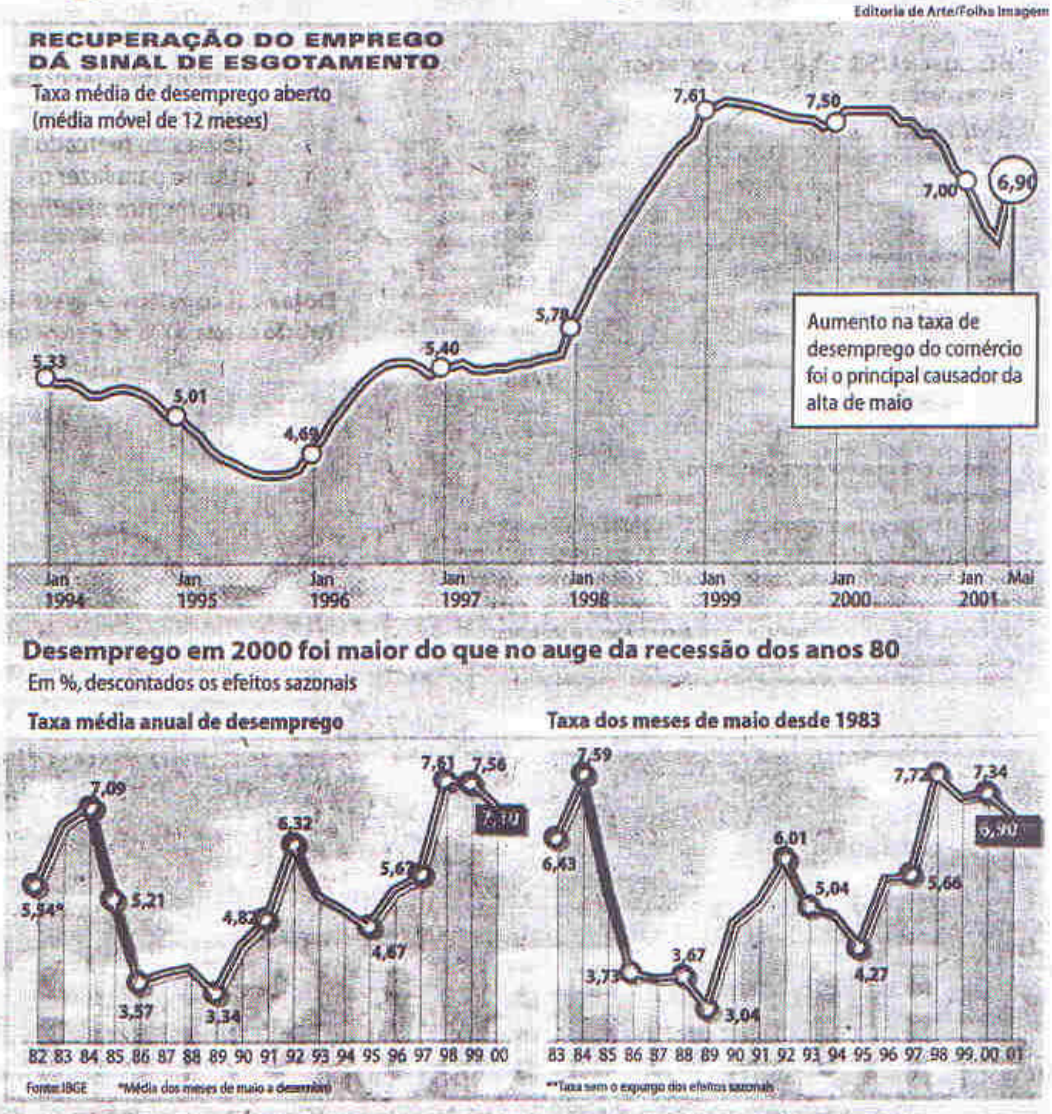
Para Marcelo Neri, economista da FGV (Fundação Getúlio Vargas) especializado em mercado de trabalho, a tendência é que o desemprego suba ou se mantenha no nível atual, diferentemente da recuperação esperada no final do ano passado, depois que a taxa caiu de 6,2% em novembro para 4,8% em dezembro.

Neri alertou para os efeitos da combinação de juros altos com crise energética. "Com esse cenário, está de volta a perspectiva de deterioração dos indicadores sociais, principalmente o emprego."

De acordo com o economista da FGV, a recuperação do emprego com carteira assinada, que desde o fim do ano passado vinha sendo puxada pelo bom desempenho do setor mais formal da economia, a indústria, pode ser afetada pelo racionamento.

"O crescimento do emprego formal e a queda do informal, cenário visto desde a virada de 2000 para 2001, não faziam parte da conjuntura dos últimos dez anos."

Em maio, o emprego sem carteira caiu 3,2% em relação a abril, enquanto o trabalho com carteira assinada cresceu 4,7%, mantendo a trajetória dos últimos meses.



Renda

O IBGE também divulgou ontem a renda média do trabalhador no mês de abril, que ficou estável, em R$ 746, na comparação com o mês anterior. Em relação ao mesmo período do ano passado, entretanto, a queda foi de 0,4%.

Outro indicador que pode apontar para uma freada na recuperação do mercado de trabalho é o tempo de procura de emprego.

Em maio deste ano, o tempo foi de 20,8 semanas, contra 19,6 semanas no mesmo mês do ano passado. "É um sinal negativo muito importante", disse Neri.

Castigo da crise

As crises externas de 1997 e 1998, que atingiram o Sudeste Asiático e a Rússia, castigaram mais o mercado de trabalho no Brasil do que a forte recessão do início da década de 80, revela estudo inédito do IBGE.

O estudo mostra a evolução da taxa de desemprego, desconsiderando os efeitos sazonais.

Em 1983, quando houve a desvalorização da moeda de cerca de 30%, o desemprego médio foi de 6,74%. No ano seguinte, também afetado pelo ajuste cambial, a taxa subiu para 7,09%.

Quinze anos mais tarde, quando o país sofreu fortemente os efeitos de duas sucessivas instabilidades, a asiática e a russa, o desemprego atingiu de forma mais severa a população.

Como consequência da crise na Ásia, a taxa explodiu: foi a 7,61%, mantendo-se praticamente no mesmo nível em 1999 (7,56%), ano afetado pela crise russa.

De acordo com Neri, elevar os juros afeta de forma muito mais drástica a economia, por reduzir a oferta de crédito. Na época da crise cambial brasileira, a taxa de juros chegou a atingir 45%. Hoje, está em 18,25%.